

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Editorial

Quando se fala na singularidade de Fão, não devemos ter em conta apenas a existência simultânea do mar, do rio e do pinhal. Fão é mais do que a citada triologia, embora a conjugação destes três factores constitua por si um assinalável dom da natureza.

Fão é ainda um aglomerado de casas com uma disposição especial, com ruas estreitinhas e prédios muito chegados, talvez para se defenderem das ventanias do norte. Casas que por sua vez acu-

Ponham flores à janela

sam a época da sua construção, o gosto e o nível económico dos seus proprietários, a concepção de funcionalidade do tempo, a forma de convivência e de comunicabilidade entre as pessoas, uma certa fidalguia a par de formas mais elementares de existência.

Todo este mosaico é a vila de Fão onde se detectam construções de certa traça que imprimem ao burgo uma determinada patine, um certo quid que a

(Continua na pág. 2)

I Encontro da Imprensa Regional do Cávado

Ocorre este ano o Centenário da Imprensa de Esposende, pois foi em 19 de Dezembro de 1886 que José da Silva Vieira publicou o primeiro número do jornal «O Esposendense».

Para comemorar tão importante efeméride, programou o nosso colega «O Jornal de Esposende» um ciclo de realizações que tiveram o seu início no domingo, dia 31 de Maio, com o I Encontro da Imprensa Regional do Cávado.

Na Câmara de Esposende realizou-se uma curta sessão de boas-vindas, seguindo os participantes, em número de algumas dezenas, para o Hotel do Pinhal. Os trabalhos decorreram durante toda a manhã sob a presidência do Delegado, no Porto, da Direcção Geral da Comunicação Social, que representava o Dr. Marques Mendes, Secretário de Estado adjunto do Ministro adjunto e para os Assuntos Parlamentares, impossibilitado de estar presente por «motivos políticos e partidários», como foi lido numa comunicação sua, enviada no início dos trabalhos.

Na nossa óptica tais encontros realizam os seus objectivos num primeiro e num segundo grau. No primeiro atinge-se o estádio de amizade e união entre camaradas do mesmo ofício (imprensa regional), que por sua vez possibilita o ascenso ao 2.º grau que é por assim dizer a zona da eficácia, das reivindicações específicas, no caso vertente, exigências de maiores van-

tagens para a dita imprensa das regiões e os seus agentes.

Neste capítulo muito há a esperar do Governo, pois enquanto a imprensa diária é beneficiada com prebendas de toda a ordem que atingem milhões de cantos, e ao seu jornalista é conferido um estatuto especial, na chamada imprensa regional os benefícios reduzem-se ao porte pago e a uma ajuda no papel, enquanto aos seus jornalistas é atribuído um cartão que dá direito a entrar... em todos os cafés da região...

Depois da introdução prévia feita pelo Secretário Geral, Dr. Manuel Maria da Silva Costa, intervieram nos trabalhos o dr. Sobral Torres, Presidente da Comissão Executiva, e o Comendador José de Abreu, Director do Jornal de Amarante, que foram magníficos na zona do 1.º grau, pois amizade e solidariedade foram as suas palavras de ordem, aliciantemente transmitidas. Falaram ainda o representante do Diário do Minho com algumas afirmações polémicas;

(Continua na pág. 5)

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

As pessoas que têm a assinatura do jornal atrasada, solicitamos o favor da sua liquidação, que poderá ser feita por cheque ou pessoalmente no Zé Barbeiro.

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

ERNESTINO MORAIS SACRAMENTO

(continuado do número anterior)

Em 1915 realizaram-se pelo menos dois espectáculos, estaríamos tentado a dizer três, onde num deles o nome de Ernestino Sacramento já vem referenciado como «chefe». É o que se pode ler do Esposendense, n.º 428 de Agosto de 1915: «Partiu de um grupo de rapazes chefiados pelos nossos amigos Ernestino Sacramento e Celestino Pires a nobre iniciativa de darem um espectáculo a favor dos feridos da guerra de o Século».

Não sabemos se este espectáculo se realizou — os jornais seguintes não fa-



lam nele — mas já em Setembro do mesmo ano há a referência a novo espectáculo desta vez para «proporcionar uma noite de agradável passatempo às Ex.mas Famílias que se encontram a passar entre nós a estação calmosa».

Trata-se de uma época má, economicamente falando — época de guerra — e disso nos dá conta o correspondente do Esposendense em Fão, no n.º 436 de Setembro de 1915: «É de presumir que ninguém falte a este espectáculo, embora ande tudo pela hora da morte, pois nele toma parte o sempre engraçado Ernestino que não deixará retirar pessoa alguma sem uma barrigada de riso que muito bem compen-sará a carestia do bacalhau.

Em Setembro de 1916 foi levado à cena outro espectáculo «Barretes e Carapuças» que pelo destaque que os jor-

(Continua na pág. 3)

EDITORIAL

(continuado do pág. 1)

distinguem de outras terras. As casas de Fão reflectem a alma de Fão.

Afortunadamente esta singularidade, o casamento entre o típico e o ambiente natural constituem uma componente turística de alta sedução que tornam a nossa terra encantadora aos olhos dos seus visitantes. Os fangueiros devem ter como ponto de honra a preservação da excepcionalidade da sua terra, ou, dito

PAGARAM AS ASSINATURAS

Dr. Jorge Areias, Porto, 500\$00; José Guimarães, Fão, 500\$00; Manuel Parente de Oliveira, Porto, 500\$00; Amândio da Fonte Gaijém, Fão, 600\$00; Valdemiro Belo Lopes Cardoso, Fão, 500\$00; António Lopes Monteiro Gonçalves, Barcelos, 500\$00; Prof. Maria Samarina Pereira, Esposende, 500\$00; Ernestino Didier, Porto, 500\$00; Decorações Durães, Fão, 1000\$00; Salão Alberto Cabelleiro, Esposende, 500\$00; Valdemiro Lopes Cardoso, Esposende, 500\$00; Artur Sobral, Fão, 500\$00; Marcos Reis, França, 1000\$00; Artur António Silva Sobral, Fão, 500\$00; Cândida Reis Saraiva, Póvoa de Varzim, 500\$00; Manuel Joaquim Cardoso de Sousa, Fão, 1000\$00; António Peixoto, Fão, 500\$00; José Amândio Viana Araújo, Fão, 500\$00; Arlindo Ferreira, Fão, 500\$00; António Gomes de Azevedo, Brasil, 1000\$00; Maria Emilia Viana Esposjeiro, Brasil, 1000\$; Manuel Fernando Alves Pereira, Barcelos, 500\$00; Óptica Oliveira, Braga, 1000\$00; Aleixo Manuel Fôrtis Ferreira, Braga, 1000\$; Restaurante Rita Fangueiro, Fão, 500\$00; Ernestino Magalhães do Vale, Fão, 500\$00; João Luís Reis, Fão, 1000\$00; Dr. Alberto Malafaia Baptista, Porto, 500\$00; Adelino Saraiva, Fão, 500\$00; Salão Aida, Fão, 500\$; Dr.ª Maria Teresa Machado Malheiro, Porto, 500\$00; João de Deus Soares, Fão, 500\$; Alberto Alves Simões, Brasil, 1000\$00; Manuel Pedras, Fão, 500\$00.

de outro modo, devem manter a vila com todas as características que a diferenciam das demais e fugir à tentação de moradias tipo caixote, com cimento, tijolo, meia bola e força.

Mas os fangueiros não devem ficar por aí, devem exigir mais para a sua terra se tornar simultaneamente acolhedora e agradável. Daí o título ou a explicação para o título deste editorial. Vamos criar a campanha das flores, vamos pôr vasos nas paredes fronteiriças das nossas casas, vamos tornar a vila de Fão a terra mais florida de Portugal.

Que fazer?

Deixamos aqui uma sugestão: que cada casa coloque dois vasos de flores na parede fronteira. Como fazê-lo?

Para o *como* nós solicitamos a ajuda e a boa vontade da autarquia e já agora, como estamos com a mão na massa, nós convidamos esta entidade a dotar a vila fangueira com lampiões especiais que lhe confirmam uma ambiência medievall.

Claro que não bastará a anuência da Câmara ou da Junta ou a carolice de meia dúzia de conterrâneos, mas sim o empenhamento da freguesia inteira.

Lampiões e flores, já viram que bonita e airosa ficaria a nossa terra?!...

Ao fazermos este apelo, sentimos um certo receio. É que nos lembramos imediatamente do estado calamitoso a que ficaram reduzidas as paragens dos autocarros com os vidros todos escaqueirados. Será aquilo um nosso espelho? Mas acode-nos de imediato o afã e a solicitude com que os fangueiros atapetaram as suas ruas para a passagem do Senhor de Fão no dia da festa das Cruzes. Com tal gente vai-se ao fim do mundo!

Em que ficamos?

Tem a palavra o povo bairrista de Fão.

Rotários em acção

No dia 7 de Maio o Rotary Clube de Esposende trouxe à sua reunião o Professor da Universidade do Porto, Doutor João de Sousa que veio falar da «Ciência de hoje». Foi uma palestra memorável onde o conferencista, usando uma linguagem muito acessível, abordou temas candentes da tecnologia moderna. Cisão nuclear, fusão nuclear (futuro da humanidade) raios Laser, técnicas de ponta utilizadas hoje pela medicina que por isso mesmo aparece muito ligada a Engenharia, energia solar, foram tratados com uma clarividência notável e sobretudo com uma simplicidade e acessibilidade que deixou todos os rotários presos das suas palavras durante uma hora.

Estas autênticas lições deveriam ter um público mais vasto e assim nós sugerimos que sempre que se ensejem ocasiões destas os rotários deveriam convidar o maior número possível de pessoas.

Ainda por iniciativa deste Clube foram disseminados pela nossa terra e outras freguesias do concelho cartazes e auto-colantes contendo avisos e conselhos de prevenção contra a droga.

CASAMENTO

Na dia 24 de Maio consorciaram-se na Capela da Senhora da Saúde, em Esposende, os jovens barcelenses Berta Maria Magalhães Pereira e José Costa.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido aos noivos e seus convidados um fino copo de água no Hotel Suave Mar em Esposende.

Na ausência dos discursos, daqui auguramos ao simpático casal um futuro pleno de venturas, sempre com paz, saúde e o chilrelo de lindos meninos.

Ao presumível avô, o nosso amigo Fernando Pereira, aquele abraço!

ÓPTICA

Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

création

ARMAÇÕES
OCÚLOS SOL

AZAL

FÃO NO PASSADO

(Continuação)

Depois das aulas do período da tarde, que terminavam às 16 horas, uma boa parte de nós, ia assistir às novenas, que se realizavam ora na Matriz, ora na Misericórdia, estas em honra de S. Sebastião e S. José.

O sr. Prior gostava de nos ver sempre à sua volta e assim o acompanhávamos nas novenas e a plenos pulmões, nos cânticos e em todos os actos litúrgicos.

O P.^o Nogueira, santo homem cujas virtudes e qualidades já vi realçadas neste jornal, era o Prior de Fão, na minha infância.

Eu sou um saudoso do passado vivido em Fão e até os maus bocados, se os tive, me deixaram saudades, quando os recordei.

Quantas vezes em Fão eu me embrenho pelas ruas e cangostas mais recônditas a rever os cantinhos por onde andei em criança e até há bem pouco tempo fui verificar se dois dos globos de granito que circundam o adro do Bom Jesus, ainda balouçavam como há 50 anos, quando eu os cavalgava!...

A alegria que de mim se apoderava quando se aproximavam as festas do Senhor de Fão. Os Zés Pereiras, as amazonas, as ornamentações e iluminações do arraial, mexiam com todo o meu ser.

Naquele tempo não havia a proliferação da música e toda a série de brin-

quedos como há hoje e daí a excitação que de nós se apossava, por estas alturas.

Como ficava contente, quando me ofereciam um músico ou uma junta de bois, com um assobio de barro de Barcelos, ou um ciclista, de grandes bigodes a pedalar em cima de uma roda, com um arame a bater numa campainha à medida que o ciclista dava aos pedais!...

A festa do Lago que tanta animação transmitia à nossa terra; com a partida de barcos engalanados, rio acima com a Banda do Orfanato do Porto que a Fão vinha passar a sua época balnear, tocando durante a viagem com foquetes a estoirar. Era um delírio!...

No Carnaval os rapazes da minha geração ficavam endiabrados, quando se aproximava o Entrudo.

Máscaras pelas ruas, cacadas às portas das casas das pessoas com quem antipatizavam, que consistia em atirar cântaros, alguidares de barro ou latas, pela calada da noite.

As môças não podiam sair à rua, pois se o fizessem, corriam o risco de chegar a casa todas enfarinhadas, feitas moleiras, com os cartuchos de pó branco que as Farmácias vendiam e se lhes despejavam na cabeça.

Hoje verifico ser uma maldade quase selvática.

(continua)

S. MENDANHA

Ernestino Morais Sacramento

(continuado da pág. 1)

nais da época lhe dão deve ter sido um espectáculo de tomo.

A música esteve a cargo de um «competente musicista», (1) que nós suspeitamos ser o maestro povoense Alberto Gomes. A «revuette» era da autoria de um semi-fangueiro. Seria um tal E. Veiga da Silva que mais tarde havia de se revelar como compilador de *Os milhões encantados?* Não sabemos.

Vejamos a distribuição dos papéis:

Ernestino Sacramento — 1.º estudante; Foutoura, 1.º gato-pingado; Párra-raios; 1.º poeta; cantador moderno.

Manuel Ribeiro da Fonseca — 3.º jogador; queixoso; 3.º gato-pingado; Rua das Pedreiras; dez reis; cantadeira moderna e Apúlia.

Manuel Gonçalves — 2.º jogador; 2.º estudante; Pepe; 2.º gato-pingado; cinco réis; cantador antigo e Fonteboa.

Celestino Pires — fígaro. *Manuel G. Penetra* — 3.º estudante e Pausanias. *Manuel F. Costa* — 1.º jogador; 4.º gato-pingado; suspeito; cantadeira antiga e suspeito. *Cândido Alves dos Reis* — Ribeiro; caixa d'água. *Antonino Borda* — tocador; passeante; Dinama e cigano. *Alfredo Martins do Monte* — Leitor; beata; 3.º poeta e cigano.

(continua)

FÃO

DE ANTIGAMENTE

Aqui temos uma fotografia de 1956. Foi no café dos Peixotos, hoje café do Rio. Podem ver-se entre outros o dr. Sampaio e Castro (falecido), Eurico Moura (falecido), Alf. Ramalho (falecido), Judite e Alice Moura, Arq. Soutinho, Luis Nogueira e sua irmã Guida e ainda o Director de «O Novo Fangueiro», quase cortado ao meio pelo flash do falecido Guimarães.



Bombeiros de Esposende em festa

Inaugurado o novo quartel

Recebemos um honroso convite para estarmos presente na inauguração do novo quartel dos Bombeiros Voluntários de Esposende.

Foi com efeito uma festa bonita aquela que ocorreu no dia 25 de Maio na sede do concelho. Não vamos contar par e passo todas as cerimónias que se seguiram naquele dia, mas narrá-las à laia de resumos ou de flashes impressivos. Antes de mais, impõe-se dizer que o quartel está bem situado, bem apetrechado; é airoso e funcional. A Direcção teve o cuidado de fixar e eternizar o nome de algumas pessoas, ligando-os a salas como o foi o caso do Dr. Joel de Magalhães — Gabinete Médico; Comandante João



Comandante Carlos de Oliveira Martins

-Conde — Sala de Aulas; Rocha Gonçalves — Salão Nobre. E por último, porque talvez o primeiro, o Comandante Oliveira Martins cujo busto em bronze à entrada do quartel, ficará a dizer às gerações vindouras que Esposende durante mais de cinquenta anos teve ao serviço dos Bombeiros um Comandante que «soube usar a autoridade com a necessária ponderação, com afortunada oportunidade, com eficiente método, com tão afinada diplomacia que sempre se fez respeitar e admirar por todos».

Depois de uma recepção às autoridades e convidados nos Paços do Concelho, seguiu-se uma missa na Igreja Matriz com alocução apropriada.

Já no quartel houve a bênção do edifício e de duas novas ambulâncias oferecidas aos Bombeiros pela Câmara de Esposende.

No Salão Nobre realizou-se uma sessão solene que teve a presidi-la o Ministro das Obras Públicas, Eng. Oliveira Martins. O Presidente da Assembleia Geral, António Teixeira da Silva, saudou todos os presentes e de seguida procedeu-se à condecoração de alguns bombeiros e individualidades de que destacamos: o ajudante de comando João Gonçalves Ferreira da Silva — medalha de prata; Comandante honorário João Conde — medalha de ouro. A Liga dos Bombeiros

Portugueses atribuiu a título póstumo o crachat de ouro ao ajudante Abílio Nunes Novo. O Presidente da Câmara recebeu uma medalha de ouro pelos serviços prestados à Instituição e foram atribuídos diplomas de beneméritos aos elementos da Direcção cessante, presidida pelo dr. Agostinho Rua Reis.

No Hotel Suave Mar decorreu um almoço em que estiveram presentes cerca de 300 pessoas. Na altura apropriada, o Presidente da Direcção, dr. Agostinho de Sousa, aproveitou a ocasião para agradecer a todos quantos tornaram possível a obra inaugurada e entregou diplomas de benemerência a algumas senhoras de Esposende.

Cerca das cinco da tarde realizou-se pelas ruas de Esposende o imponente desfile das 21 corporações do Distrito sob o comando geral do dr. Beleza Ferraz, dos Voluntários de Barcelinhos. Abria o desfile a fanfara dos B. V. de Guimarães, logo seguida da secção dos estandartes sob o comando de João Vilaça, dos Bombeiros de Viatodos. A formatura apeada seguia sob o comando de António Costa, dos B. V. de Barcelos enquanto que o departamento Motorizado tinha por comandante o nosso conterrâneo Fernando Vilar.

Enfim uma festa deslumbrante que tão cedo não desaparecerá da memória das gentes de Esposende.

Para mim, nosso Fão é assim!...

Entre todas as que conheço
É minha terra a mais bela,
A que me fala ao coração!...
E a Deus, com fervor, eu peço
Que, embora ausente dela,
O destino meu seja p'ra Fão
Quando se aproximar meu fim.

S. Mendanha



Falecimentos

Serenamente, na manhã do dia 7 deste mês, faleceu em Fão o dr. Alceu Maria Vinha dos Santos.

Já há mais de dois anos que se encontrava doente, gravemente doente; esteve internado no nosso hospital, passou depois para um hospital de Gaia e finalmente voltou para sua casa onde acabou por falecer. A doença que o apoquentava ainda não foi debelada pela ciência médica.

O nosso jornal já em tempos traçou o seu perfil e nós hoje só temos que acrescentar que a morte do dr. Alceu foi um exemplo de coerência, resignação e serenidade. Ele sabia que ia morrer e encarou o fim da vida como uma fatalidade que acontece a todo o ser humano.

Ao seu amigo dr. Joaquim Pelxoto, que o visitava a miúdo, foi ditando as suas últimas vontades. Queria um enterro simples, discreto, sem anúncios, para não incomodar ninguém. No seu ataúde manifestou a vontade de que fossem colocados o retrato de sua Mãe, Esposa e o cartão do seu Partido. Ateu confesso, não abrandou durante o longo período de doença as suas convicções e por isso o seu enterro fez-se sem assistência religiosa de acordo com as suas últimas vontades, embora tivesse comparecido como simples acompanhante, o P.º Angelo, antigo pároco de Averomar.

Morreu um homem bom de Fão que ajudou generosamente muitos conterrâneos nossos.

Que a terra lhe seja leve.

Nos últimos dias de Maio faleceu em Fão Ilídio Nunes Curado, assíduo frequentador do Club Fãoense, e que se havia radicado há uns anos entre nós.

Que descanse em paz.



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★★

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.



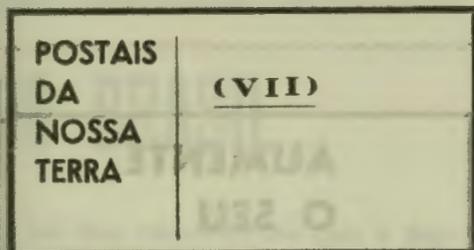
UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

estamos a construir um banco do futuro

FANGUEIROS, ONDE ESTAIS?

No seu número de 1 de Maio passado, inseriu o «JORNAL DE ESPOSENDE», assinada pelo seu correspondente de Fão, uma local, em que se aborda o retrocesso que se tem vindo a verificar, nesta nossa Terra, quanto a iniciativas de carácter cultural, recreativo e social, em que, em tempos não muito remotos, ela foi tão pródiga.

Ainda todos, quanto aos mais velhos, estarão lembrados e, quanto aos mais novos,



naturalmente não deixaram de ouvir falar nos espectáculos teatrais que, com certa periodicidade, aqui se realizavam, bem como nas amenas cavaqueiras e são convívio, no «CLUBE FÃOZENSE» e no «CLUBE DOS GRULHAS», este de tão saudosa recordação!

Hoje, nada disso já existe. Tudo morreu! Tirando a modesta actividade das Secções de

Canoagem e de Columbofilia, do Clube Fãozense, apenas nos restam as sessões de «batôta», neste mesmo Clube, em que uns tantos, mas sempre os mesmos, perdem, numas horas, o que tanto lhes custou a ganhar, durante a semana ou mês.

No nosso primeiro destes Postais, já abordamos este aspecto negativo da nossa Terra, tentando fazer um contraste entre o que aqui se passa e o que, na Radiotelevisão, se vê ser levado a efeito em outras terras, bem mais pequenas e modestas que a nossa. Ainda há dias, voltamos a ver que numa terra, cujo nome não vem para o caso, de cerca de duas ou três centenas de habitantes, sem ajudas externas, fora construído um edifício para convívio da respectiva população, em que funcionava, além de outros, um agrupamento teatral e uma Banda de Música, com uma escola para o ensino de novos elementos. E lembrar que Fão, com mais de 2 000 habitantes, nada disto tem!...

A quem competiria a iniciativa de tais actividades? Em primeiro lugar, naturalmente, à Autarquia Local; em segundo lugar, às três colectividades existentes — o «GRUPO

DOS AMIGOS DE FÃO», o «CLUBE FÃOZENSE» e o «CLUBE DE FUTEBOL DE FÃO» — e, em terceiro lugar, à própria população que, pondo de lado politiquices partidárias, deveria dar-se as mãos para obrigar aquelas colectividades a assumir a missão para que foram criadas.

Desejariamos escarpelar as actividades destas três colectividades, mas escarpelar o quê, se elas vivem no mesmo marasmo que avassala a nossa Terra? Por isso, limitamo-nos, apenas, a deixar aqui um apelo para que acordem e façam por elevar a Terra àquele nível em que já viveu.

Não haverá, por ventura, nesta nossa Terra, homens capazes de meter ombros a tais iniciativas? Naturalmente que sim e não serão assim tão poucos! Saiam, pois das vossas conchas, deixem-se de politiquices partidárias e lutem, isso sim, pela Política do Progresso e Desenvolvimento da nossa Terra.

Julgamos não ser necessário, como Diógenes o fez, sair para a rua, em pleno dia, de candeia acesa, à sua procura!

Fão, 10 de Maio de 1986

QUIM MUATA

(continuado da pág. 1)

o Director do Jornal da Junqueira com apelos a um certo idealismo dentológico; o delegado da Imprensa do Alto Minho, muito traquejado nestas andanças que foi mais objectivo nas suas reivindicações, bastante informativo, muito embora algo desajustado à realidade ou a certas realidades.

A verdadeira cartilha de intenções foi

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA

Reuniu finalmente a Assembleia de Freguesia. Foi no dia 12 de Maio p.p.

Presidiu o Eng. José Manuel Telxela. Tudo correu na paz do Senhor. Foi pena a escassa assistência talvez por se tratar de um meio de semana.

Foram aprovados o Regimento e bem assim o Relatório e Contas da Junta.

Discutiram-se no final vários assuntos de interesse, destacando-se o alargamento do cemitério (há proprietários que cedem terreno, outros que não), a poluição do pinhal, a extracção de areia, arruamentos e saneamento básico.

Houve ainda discussão acerca do saldo de 1400 contos mas foi esclarecido que tal soma resultava de um subsídio recebido directamente da Junta para edificação de casa própria.

Recomendamos que de futuro as assembleias se realizem ao fim semana e que seja feita a respectiva publicidade.

I Encontro da Imprensa Regional do Cávado

transmitida numa mensagem do dr. Barroso da Fonte, também politicamente impedido de estar presente, e que calejado pelo seu assento no cargo de antigo Delegado no Porto da D. G. C. Social, almejou transmitir aos jornalistas aquilo que eles devem pedir ao Governo para si e para os seus jornais. Aliás, as conclusões lidas na parte da tarde e que seriam enviadas a Lisboa, vinculavam, em parte, os alertas transmitidos por Barroso da Fonte na sua comunicação.

Cerca das 13 horas, realizou-se um almoço no Hotel do Pinhal, com a presença de 80 pessoas, tendo de novo os dois salientes oradores da manhã (1.º grau) voltado a deliciar a atenta assistência com dois nacos de saborosa prosa, enfatizando-se de novo a amizade e, agora, a excelência do terrinho de cada um. O Presidente da Câmara, presente com dois vereadores, D. Laurentina Torres e Eng. Manuel Ribeiro, o assessor para os assuntos turísticos, Samuel Santos, e ainda a Presidente de As. Municipal, dr.ª Rosa Torres, fez algumas considerações a propósito da imprensa regional, nomeadamente a local (concelhia) revelando que por vezes os jornais locais constituem referência muito importante para a solução de alguns problemas da zona. Simpático, este Eng. Losa.

Seguiu-se um passeio turístico que

começou pela Apúlia onde no largo da praia se exibiu o seu Rancho Infantil dos Sargaceiros. Sim, senhor! Ali há dedicação, jeito, rale, a promessa de pernas bem feitas. Ali há a certeza que nestes anos próximos o rancho mais autêntico de Portugal não morrerá. Depois foi uma visita a Palmeira de Faro, com uma rápida mirada à casa de Susão onde viveu Manuel de Boaventura; outra visita ao deslumbrante Monte de Faro, com a exibição, também muito agradável, da Ronda de Vilachã. Só que não pudemos dar ao conjunto a atenção que realmente merecia, pois o Comendador José de Abreu, com uma memória espantosa, um savoir dire absorvente, uma simpatia cativante, levou-nos dali para os tempos do P.R.E.C. e para a sua habilidade de bem saltar os obstáculos, enquanto os membros do agrupamento vilachanês deambulavam em frente à capelinha. Mea mea culpa!...

Bem, o fim do périplo ocorreu nas Antas, com uma visita a Belinho e uma evocação ao poeta Correia de Oliveira, cujo itinerário biográfico e artístico foi descrito ou ligeiramente pincelado, por um seu neto, Dr. António Sotto Mayor Correia de Oliveira, com muita fidelidade e lhanza de trato.

Finalmente o Hotel Nélla, com a leitura das conclusões, uma agradável merenda é um até breve, até ao Congresso da Imprensa Regional em Viana do Castelo.

Conversando...

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

SÚPLICA

Havia súplica na voz do vento! Havia súplica e aflição! Onde vinha? Quem seria?

Mas nessa hora tardia da noite, um espírito errante captou-a como se um choque eléctrico o percorresse! Depois houve horas suspensas, horas lentas, dolorosas, onde esse espírito, num emaranhado de dúvidas e conjecturas se esgotou extenuado.

No entanto uma insónia persistente conservou-o acordado longas horas e só quando a primeira claridade da manhã veio dar contorno às coisas é que os olhos tinham finalmente fechado.

Da luta travada entre o espírito e o corpo, este tinha tombado exausto, para horas depois despertar e recomeçar na mesma angústia e na mesma expectativa.

Que dor ou que desventura tinha acontecido para que o vento trouxesse murmúrios de desalento, lágrimas na voz, apelos incontidos, dolorosos e autoritários?

Teria algum anjo deixado a terra? Arrancariam a alguma alma a sua última esperança? Ou haveria para alguém, um caminho duro, solitário e emparedado a percorrer?

Sim, o que tinha acontecido?

E a resposta vinha sempre igual e imprecisa: Não sei... não sei...

De concreto só a dúvida eterna, nessas eternas horas de incerteza.

Mas o tempo ia rolando e o momento de desvendar o segredo havia de chegar. E chegou. Era uma alma que,

solitária, se debatia, sem esperança, faminta e, como pássaro sem ninho, perdida na escuridão da noite.

E esse espírito atento e inquieto guiado pela voz do vento, percorre um caminho longo... na manhã fresca desse domingo cheio de esplendor, decidido a tudo para que tudo fique esclarecido. Foi um momento sublime,

Deu-se então o encontro dessas duas almas perdidas e, milagrosamente, houve confiança, ternura, compreensão, desabafo, audácia e humilhação...

Depois, uma calma silenciosa. Mãos que se encontram, lágrimas que se enxugam, promessas que se esboçam...

Há nas almas a certeza da sublimidade e dos grandes sentimentos...

Um breve e triste sorriso, a promessa dum reencontro, um adeus e uma janela que se fecha.

Cá fora o sol inundava a rua.

Há serenidade nos coisas, nas almas e ao vento...

Agora uma brisa beija suavemente as flores dos jardins e a vida continua.

O Sol vai aquecendo e as coisas tomam o aspecto morno e calmo duma tarde de verão.

Momentos de paz descem sobre tudo que nos envolve, enquanto a natureza nos oferece o encantamento da sua inexcitável beleza.

E assim findou o dia.

Da angústia da noite, já nada resta.

Dessa hora em diante, nunca mais haverá solidão, lamentos sem resposta e lágrimas isoladas.

Haverá, sim, lutas e ansiedades, mas a esperança ultrapassará todos os obstáculos para que a estrada da vida possa ser percorrida sem desalentos e com a alma cheia de promessas.

O Sol esconde-se amorosamente, atrás do mar, nesse mar misterioso, imenso, rebelde e traiçoeiro, que nos prende com a sua beleza e nos atemoriza com a sua fúria.

Finalmente as sombras da noite vão descendo e as almas cansadas das lutas das últimas horas, entregam-se totalmente à oração e esperam de Deus a Sua bênção misericordiosa!...

**AUMENTE
O SEU
COLESTEROL!**

Então cá estamos, após o jantar de confraternização de todos os elementos de «O NOVO FANGUEIRO» a festejar o seu 2.º aniversário, jantar esse cujas iguarias fizeram subir o nosso colesterol... E, para que o dos leitores não fique em inferioridade, aqui trazemos mais duas receitas no generoso intuito de que o vosso colesterol dê também um saltinho...

FÍGADO A ESPANHOLA

Põem-se a frigar em banha de parco 4 cebolas pequeninas e, quando estiverem bem lolras, tiram-se para fora da banha.

Parte-se fígado de vitela em bocadinhos e deita-se na banha, ainda quente. Tempera-se com sal, pimenta, um bocado de uma folha de loureiro e um dente de alho bem esmagado.

Logo que o fígado esteja bem frito, deita-se-lhe uma colher de sopa de vinagre branco, mexe-se muito bem, e serve-se imediatamente.

Como vêem, é um prato económico e muito saboroso. Vamos experimentar? E agora um pão muito próprio para servir com um chá, quando há visitas:

BRIOCHE

Fermento de padaria — 30 gramas.

Leite — 1 chávena.

Ovos — 2.

Farinha de trigo — 250 gramas.

Manteiga — 1 colher de sopa.

Açúcar — 1 colher de sopa.

Desfaz-se o fermento no leite, juntam-se os 2 ovos inteiros, e deita-se tudo em cima da farinha, misturando levemente com a mão e põe-se a levedar 45 minutos ao lado do lume.

Junta-se depois o açúcar e a seguir a manteiga derretida e amassa-se bem com a mão, 5 ou 10 minutos, até fazer bolhas.

Deita-se em forma untada com manteiga, e vai ao forno, a cozer.

E é tudo. Um abraço da

Tia Marquinhas.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO

AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

O Mundo em que vivemos

UM AMIGO FIEL

Chamava-se «Rocky» e era um cão pastor alemão. Vivia num prédio de apartamento com uma família composta por uma senhora viúva e duas filhas de 6 e 3 anos, respectivamente.

Um dia a tragédia aconteceu: um

incêndio no apartamento. «Rocky» entrou no quarto onde se encontrava a menina mais nova, Emília Stefanelli, e, puxando-a pela roupa, conseguiu arrastá-la para fora do braseiro, salvando-a de morte horrorosa.

Mas faltavam ainda a mãe e a outra filha. «Rocky» voltou a entrar no prédio em chamas, tentando salvá-las também. Entrou, porém, para não mais sair. As labaredas envolveram-no e o seu corpo

carbonizado foi encontrado mais tarde, no rescaldo.

Entretanto, mãe e filha tinham conseguido pôr-se a salvo, mas «Rocky» nunca chegaria a sabê-lo.

Fiel até às últimas consequências, a sua dedicação não conheceu limites nem barreiras. Deu a vida para salvar as pessoas a quem estava afectivamente ligado. Pode dizer-se que morreu no cumprimento do dever.

Estamos confiantes em que a gratidão não é uma palavra vã e que, ao longo dos anos, a Emília Stefanelli não esquecerá que deve o dom magnífico de estar viva a um cão pastor alemão, que se chamava «Rocky»...

E. Real

DO BRASIL

Há dias entrou-nos em casa a Beatriz do Pio (uma grande propagandista do nosso jornal, diga-se a propósito). Vinha com ela uma senhora de ar simpático, já com os seus sessenta feitos, discreta e reservada.

— Conhece?

— ?

— É a Madalena.

Ena, pá! Lembrá-va-nos perfeitamente da Madalena (mana), de cabelo puxado para trás, andar saltitante, muito convencido, revelando silhueta algarvia. Mas isso já foi há uma «porrada» de anos. Agora tínhamos ali uma simpática dama, falar maneirinho, longe da Madalena altiva de outros tempos. Pelos vistos já esteve aqui há três anos, vai ficar uns tempos e depois ruma para o Brasil. Mas pensa voltar de novo, uma, duas, muitas vezes.

Gostamos de ver a Madalena como de todos os fangueiros que visitam a sua e nossa terra.

Também esteve entre nós, o nosso conterrâneo, Inácio da Costa Lopes que há 60 anos tinha abandonado Fão, rumo ao Brasil. Visitou uns parentes, Lai-lai, Prof. Elias, e o que mais impressionou os seus familiares é que este homem, saído de Fão, há tantos anos, lembrava-se com uma fidelidade espantosa de todos os lugares e de muitas pessoas do seu tempo, algumas já falecidas. Um seu filho que o acompanhava revelou que conhecia a paisagem fangueira com pormenores até pois o pai, no Brasil, mais propriamente no Rio Grande do Sul, falava amiúde da sua distante e amada terra.

O nosso conterrâneo comoveu-se até às lágrimas por estar entre os seus e prometeu para o ano estar de novo em Fão com uma estadia maior. Agora foram só quatro dias.

DESPORTO



O F. C. de Fão subiu à 1.ª Divisão da A. F. de Braga

Pois é verdade. Sem muitas despesas, sem pagar ordenados, com pequenos prémios o nosso clube subiu de divisão. Tudo se decidiu no último domingo, dia 8. Fão tinha que ir jogar a Viatodos e ganhar. O seu mais directo opositor não poderia ganhar por mais de seis. E foi exactamente o que aconteceu. O F. C. de Fão deslocou uma razoável assistência ao campo do adversário, o que aliás nunca aconteceu ao longo da época. Quer fora, quer em casa a assistência foi sempre diminuta. Mas, vá lá, desta vez os fangueiros souberam compreender o momento decisivo que se vivia.

O jogo começou com extrema cautela por parte dos jogadores de Fão, revelando-se no entanto melhor conjunto que o seu antagonista. A primeira parte foi jogada taco a taco.

No segundo tempo Fão pressionou, instalou-se no campo do adversário, mas os golos não apareciam. E os fangueiros so-

friam enquanto os tambores da Fanfara rufavam a bom rufar. Faltavam 20 minutos e o marcador continuava 0-0. Finalmente uma insistência de Monteiro deu o primeiro golo, num remate de longe. Delírio na gente de Fão. O Viatodos sacode a pressão a que vinha sendo sujeito mas de novo Fão volta a atacar e o segundo golo não tardou a aparecer. Magalhães, também fora da grande área, surpreendeu o guarda-redes contrário com um fulminante remate. Mais alegria, mais tambores, mais gritos de incitamento.

Finalmente o jogo acabou mas a festa, não. Transferiu-se para a vila de Fão e os tambores fizeram-se ouvir pela noite dentro.

O C. F. de Fão alinhou: Justino, João, Paulo, Carvalho e Chico; Victor, Armando, Capitão, João Alexandre, Monteiro e Zé Luís. Na 2.ª parte Jorge Pinto e Magalhães substituíram Armando e João Alexandre.

Todos foram heróis. E agora?



CARTAS AO DIRECTOR

Rio de Janeiro, 18 de Maio de 1986

Prezado Senhor
Director de «O Novo Fangueiro»
Cordeais saudações

Que Jesus seja sempre o nosso guia.

O n.º 24 de «O Novo Fangueiro» de Abril de 1986, trouxe-nos uma série de recordações e as saudades de Fão me apertaram mais.

O «perfil de hoje» falando de Ernestino Morais Sacramento, a foto de «Fão d'antigamente» mostrando nossos familiares Tino Costa, Né-Grande e Né-Pequeno, o «Editorial» falando do Carnaval e que me deu uma ideia (também temos o direito de «ao menos sonhar»), e o «Fão no Passado», assinado por Sérgio Mendanha, falando de uma infância que também passei há mais de 60 anos atrás, já que nasci em 1918.

E foi na leitura desta recordação que nossos tempos de escola foram lembrados, só que a Dona Ema já não leccionava nos anos de 1925, 26 e 27, quando lá andei, pois vim para o Rio de Janeiro em Julho de 1927, já na 3.ª classe. Era minha professora a D. Palmira, também da família Vieira e me lembro da D. Maria, baixinha, que leccionava na sala do lado da ponte, da D. Helena, na sala do meio, uma morena magra e esbelta, e a D. Palmira na sala do lado da igreja, e que aqui no Rio foi nossa amiga, quando casou com o Vasco Vieira e que tinha como cosinheira a Rosa de Palmeira, que foi depois minha cunhada e minha irmã Isolina era a «bábá» de seu filho Adriano, e eu gostaria também de levar as minhas flores.

Por tudo isso, quando eu puder voltar a Portugal, me ocorreu a ideia, se possível fazê-lo na época de Carnaval e levar as músicas do Rio, como em 1977 levamos a música de Roberto Leal que tanto sucesso fez durante a nossa estadia, que foi o Carimbó Português.

E são essas notícias que o vosso jornalzinho fazem-nos sentir o desejo de possuir-

mos as faculdades de Santo António, que podia ao mesmo tempo estar pregando em Pádua e defender o pai em Lisboa.

Desejando o sucesso cada vez maior a este pequeno órgão que tanto satisfaz a um conterrâneo distante, e que sua duração seja eterna, e o último daquela lista imensa da IMPRENSA EM FÃO, divulgada no vosso n.º 23, que o iniciou com «O Fãozense» em 1908.

Um abraço amigo deste leitor saudoso

Esposende, 25.05.86
Caro Director

NO 2.º ANIVERSÁRIO DE «O NOVO FANGUEIRO»

«Ser jornal em terra pequena...» foi o título da crónica vinda de Fão para «Jornal



o melhor café
é o da
A BRASILEIRA
PORTO

de Esposende» quando da publicação do 1.º número, em Agosto de 1978.

E dizia: «É uma justa aspiração de todas as terras, grandes ou pequenas, possuir um jornal. Ele testemunha os anseios dum povo, grita as suas necessidades, alerta contra as injustiças e prepotências, é ainda uma consciência computorizada que apoia o bem e condena o mal».

E de seguida: «No entanto é muito difícil ser jornal...» em jeito de desabafo, num carpir baírrista da mágoa (bem o compreendi) que a falta dum jornal se fazia sentir em Fão, terra de tradições culturais e jornalísticas.

Terminara, entretanto, a modesta «Página de Fão» que durante longos anos procurou bem desempenhar a sua missão informativa. Não bastava, bem sei, nem satisfazia pois, não se produzia em Fão, era do outro lado da ponte... Mas remediou um mal que se arrastou sem que alguém ombreasse com a criação dum jornal.

«O Novo Fangueiro» surge com a melhor das intenções e o espírito formativo e informativo tão desejado para os fanguieiros.

Bem para uns, mal para outros, «O Novo Fangueiro» procura manter a sua rota estatutária, indiferente às bicadas dos falcões, ora lamentando fraquezas, ora louvinhando quem merece, noticioso às vezes, formativo sempre, no sentido de manter a luz bem acesa para acordar, de letargias (mais cómodas que ingénuas), tantos e bons fanguieiros de boa fé.

Ser jornal em terra pequena tem os seus inconvenientes: todos se conhecem, tudo se sabe, nada é segredo para ninguém, tudo é claro, nada se pode esconder. O jornal desvenda, quantas vezes, incomodamente pois, para os oportunistas, tudo é mau, inoportuno, complicativo, enfim, pulhice. Mas a missão do jornal é mesmo esta: desmascarar quem se julga mascarado.

Situações como esta são frequente e para os homens experimentados dos jornais, é o sintoma de missão cumprida.

«O Novo Fangueiro» completa dois anos de publicação. A hora é de júbilo e por isso, à equipa que teimosamente dá vida ao jornal — «O Novo Fangueiro» veio para ficar — vai o abraço de felicitações do

ARTUR COSTA.

PLENÁRIO DA FEDERAÇÃO DOS BOMBEIROS DO DISTRITO

No próximo dia 28 de Maio vão reunir-se em Fão, na sede dos Bombeiros, os presidentes de direcção e comandantes de todas as corporações do Distrito de Braga num total de 50 pessoas.

Estas reuniões efectuem-se mensalmente e desta vez coube à nossa terra a sua organização.

A par dos trabalhos que são a razão de ser destes plenários, haverá um programa social para as senhoras de que consta um passeio turístico ao Concelho e um chá no Hotel do Pinhal.

Nesse mesmo dia, a corporação local inaugurará a série de arrais minhotos da verão.



★★★★★
PARQUE DO RIO
OFIR
PORTUGAL
estalagem
PARQUE
DO RIO
OFIR
PORTUGAL
UM LUGAR TRANQUILO
Tel. 961521-2-3-4 — Telex 32066

UMA CHÁVENA DE CAFÉ

Sáímos do restaurante. As ruas estavam movimentadas, turistas portugueses e espanhóis enchem a praça. Sentíamos o vento e o frio nocturno. Fomos tomar café junto ao Turismo. De pé, junto do balcão, um homem sobressaía entre os demais: alto, cabelo grisalho, traços de ateniense doutros tempos, vestia uma genuína capa alentejana. No capote, o símbolo dos esperantistas, bordado.

Viu-nos a olhar a estrela e com ou sem propósito, dirigiu-nos a palavra.

E falou, falou, falou «comme un vieillard» sabe falar: numa voz límpida e correcta.

Sorri-me.

Um gozo interior, fazia sentir-me a essência da viagem: não eram os monumentos, as calçadas, a brancura da paisagem, do casario, fora e dentro da fortaleza; era alguém de lá, um filho da cidade. E, senti-me manhosa; sorratamente convidava-o a continuar.

O seu saber inteligentemente elaborado nas frases, levava-me às origens e à história desta cidade, à vivência e ao papel de Évora em relação à governação do país, ao longo da minha juventude distante.

Falou do sonho amado por poucos: o Esperanto, dos contactos internacionais, doutras línguas que sabia, das colecções de selos que fazia, do seu estado civil, dos jovens de hoje, da nossa televisão e do nosso «português».

E tudo isso, orgulhoso da cidade, orgulhoso da sua aposentaria de operário-tipógrafo do «Notícias de Évora».

Era a segunda noite fria que passávamos em Évora e eu sentia o aconchego da cidade.

Prometi escrever e mandar-lhe postais. Ainda não o fiz.

Maria Arlette S. F.



A TESOURA DA AIDA

A tesoura vai cortar
Tudo de certa maneira.
Só na f'rida vai tocar
A quem a alhos bem cheira.

Peço às alminhas do cais
E à Senhora d'Assunção
Para que não se vejam mais
Naufrágios no rio de Fão.

Não entra na minha mente
E eu não posso aceiar
Que numa terra que é da gente
Só haja um a mandar ...

LongaVida



o que é bom da natureza

Noite de fado em Fão

Com o patrocínio de «O Novo Fanguero» e dos Grupos dos Amigos de Fão vai realizar-se entre nós no dia 21, uma noite de fado. Compõe-se de três partes. A primeira será preenchida com artistas de Fão. A segunda, com cantores do Porto e a terceira terminará com uma serenata de Coimbra em cenário preparado.

A receita do espectáculo reverterá a pavor do prémio escolar Prof. José Pio Rodrigues, em preparação.

Postais de Fão

É uma falta gritante na nossa terra a não existência de postais com fotografias do burgo. Existem, é certo, uns muito antigos e também muito preciosos que foram dados à estampa por Manuel Penetra.

É verdade que existem uns postais da zona de Ofir e é verdade ainda que «Ofir também é Fão». Mas propriamente de Fão velho, desta terra tão característica, desta vila oitocentista com arrufos de modernidade, não existe praticamente nada.

Constou-nos que os Irmãos Matias de parceria com o Prof. Mário Ramiro andavam a arranjar qualquer coisa. Mas como já ouvimos tal notícia há mais de um ano, será bom que a Junta ponha os pés ao caminho para ver como é e agir em conformidade.

© NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saralva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saralva
Dr.ª Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Cecília Paixão Amorim
Dinis de Vilarelho
Sérgio Mendanha
Quim Muata

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saralva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318
4490 Pávoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através de «Os Correios» será por conta do assinante

Nova Padaria

Já entrou em funcionamento um moderno estabelecimento de panificação que é propriedade do nosso conterrâneo Valdemar Marinho Alves. O investimento foi vultoso (mais de vinte mil contos) mas a nossa terra ficou dotada de uma padaria que a honra sobremaneira.

A nova fábrica apresenta-se bem apetrechada e dentro das melhores condições higiénicas. Situa-se, como já em tempos dissémos, na Rua Artur Sobral.

Só desejamos que a audácia e a determinação reveladas pelo seu proprietário tenha a respectiva compensação para que outras iniciativas arrojadas possam ganhar Fão ao plano que já viveu no passado.

É de homem com a ténpera do Valdemar que Fão precisa.

2.º Aniversario de «O Fangueiro»

Por necessidade de acerto de datas, tivemos de transferir o jantar de aniversário do nosso jornal para o dia 16. Presidiu o arq. Pádua Ramos, na qualidade de Presidente da Assembleia Geral, tácita e consensualmente aceite, que se encontrava ladeado pelo Presidente da Câmara, Eng. Losa de Faria que por sua vez tinha à sua direita o Presidente da Junta, Luís Viana. Todos os colaboradores responderam à chamada com excepção da «nossa» Cecília Amorim que enviou uma carta muito simpática e o dr. Agostinho Reis que, impossibilitado de comparecer por compromissos anteriormente tomados, teve a gentileza também de enviar umas agradáveis quadras, lidas em público e muito aplaudidas.

De resto foi uma reunião de muita amizade, companheirismo... e muito boa disposição. Fernando Almeida desta vez trouxe sua esposa (nossa futura colaboradora) e conseguiu ainda trazer até nós esse mavioso poeta que dá pelo nome de Diniz de Vilarelho. Mas trouxe ainda mais: uma placa alusiva ao aniversário, o seu inseparável gravador, muita irrequietude (estava em todos os lugares) e ainda uma declamação à laia de Vilaret de Fernando Pessoa. Um grande amigo do nosso jornal. Trata-se de um próspero comerciante da cidade do Porto, bem lançado na vida, mas muito dado às coisas do espírito e às relações de amizade.

Houve discursos naturalmente. Foi dito aos Presidentes que nos sentíamos contentes com a sua presença. «O Novo Fangueiro» é antes demais uma instituição de Fão. E a sua presença avaliava essa mesma instituição. Com campos de actuação específicos, agir num lado, criticar no outro, é possível e lógico que surjam atritos, intercessões, mas o objectivo é comum: o incremento da região. E isso é um dado a ter em conta.

A nossa administradora, Zita Saraiva, cantou como só ela sabe um fado

O DIA

O dia despertou
No berço foto e límpido da aurora,
E com ele chegou
A música dos ninhos,
A beleza da flora,
O aroma dos caminhos,
A cealuma da aldela,
A lida das meninas da colmeia;
E mais encantador do que isto tudo:
O riso das crianças de veludo.

DINIS DE VILARELHO



Mesa de honra do nosso jantar de aniversário

de Coimbra, mas o ponto culminante da reunião esteve mais uma vez na intervenção do General Eanes, perdão do dr. José Madureira. Imitando com uma fidelidade espantosa o antigo Presidente da República, o Zé improvisou uma rábula eanista com graça, com nuances de voz, com a propósitos, com à partes que pôs a plateia a rir mas com vontade. Aquele fogo advogado parece que não mata uma mosca, apresenta um ar conselheiral, mas numa roda de amigos íntimos é de partir a moca.

De resto agradeceu-se a presença dos que vieram de longe: de Arlete Faria (cada vez mais...) e seu marido; do Sérgio Mendanha (indefectível fangueiro) e de sua esposa; da dr.ª Maria Emília Corte Real, sempre discretinha, mas culpada do aumento do colesterol dos nossos leitores; e enfim, saudaram-se os esquecidos do ano passado: Zé Barbeiro (o homem das cobranças), o Artur Costa (exemplo de hibridismo Fão-Esposende) e o dr. Reis (que esteve presente em espírito).

A nossa secretária (Maria Antónia é a sua graça) esteve nas fotografias e desenvencilhou-se bem como se pode ver.

À Zinha foi dito (e ao seu marido por tabela seca) que se não for mais assídua terá que pagar a sobremesa para o ano...

Quando íamos pagar a dolorosa... já estava paga por essa consciência lúcida ao serviço de Fão e dos fangueiros que é o Arquitecto Luís Pádua Ramos.

Usurpação de terrenos

No início da Restinga, frente ao mar foi feito um enrocamento para protecção das residências ali erguidas. Até aí muito bem. Só que alguns proprietários ocuparam agora a vertente marítima com chorões e abusivamente levantaram uma cerca nessa mesma área. Trata-se sem dúvida de uma zona pública marítima e por isso estamos certos que nenhuma entidade oficial autorizou tal ocupação.

Os pescadores que vêm da barra em hora de maré vêm-se aflitos para passar.

Estamos certos que quer a Junta quer a Câmara vão tomar providências para neutralizar a usurpação. A não ser que os de Fão façam o mesmo que fizeram os de Apúlia há anos.

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO